

Augusto, poeta distante dos anjos

MIGUEL DE ALMEIDA
Da nossa equipe de reportagem

O anjo Augusto — Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos, nascido há cem anos, no dia 20 de abril de 1884 — teve sua estadia no inferno. Foi desses seres radicais e incompreendidos, produzidos nas distantes províncias brasileiras, na virada do século. Teria parentesco na misantropia com o maranhense Souza-Drade — outro que viveu o inferno em Wall Street. Muitas foram as grades a aprisionar e entristecer seus versos rebuscados, de raras estruturas sonoras, e longe de qualquer escola literária. Não foi parnasiano, simbolista nem moderno. Foi, sim, um anjo solitário a largar o corpo, numa fria madrugada de 12 de novembro de 1914, na mineira Leopoldina, vítima de tuberculose.

Era um tipo estranho. E que estranhava aos outros por sua poesia recheada de expressões incomuns e construções onde se acomodavam termos científicos ao lado de curiosos cientificismos. Um excêntrico — ou não? Ao publicar em 1912, com ajuda de seu irmão, seu único livro, "Eu", grafado em rubro, teve a habitual acolhida da crítica: a indiferença.

Foi um petardo jogado na vitraça dos parnasianos, os cacos espantando e virando os olhos incorretos de Olavo Bilac. Ele trazia versos calcados no seleticismo de Darwin, no monismo de Haeckel e em Spinoza. Muita coisa para uma poesia brasileira engradada na exaltação de flores, rosas e na musa idealizada, poesia de muitos metros e nenhum conteúdo. (Perde-me Raimundo Corrêa.) Vaidoso, Augusto dos Anjos esperava a consagração. Dançou. Ela só surgiu quase vinte anos após sua morte. Mas veio na forma de uma coqueluche, não na crítica e sim no público. Ainda hoje é um dos poetas brasileiros mais lidos — seu "Eu e Outras Poesias" (as "outras poesias" foram juntadas post-mortem) já teve mais de cinquenta edições, sem registrar dezenas de estudos críticos e pequenas seletas estudantis. Quem diria, hein dos Anjos, não ser moderno, porém eterno?

O menino da fazenda

Dos Anjos foi sujeito curioso. Era alto, franzino, meio curvado, pelo tipo encardado contrastando com sua morenidade pálida. Os olhos, dizia-se, eram grandes, porém de pouca mobilidade. Aquele bigodinho fino chamava a atenção, como suas mãos afiladas — mãos de tímido. Tinha ainda um andar inseguro (isso na memória de seu contemporâneo, José Américo de Almeida). A infância foi passada na fazenda em Engenho de Pau D'Arco, lugar próximo a João Pessoa, Paraíba. Era final do século passado e o Nordeste vivia época desoladora, padecendo da seca alucinada de "noventinha". A tradição oral relata essa desventura como a terra seca, galhos retorcidos pelo sol, ossaduras de animais, restos de cobras, nem insetos a cruzar raras sombras. Contraste infernal para quem vivia bem — vida material — e botava olhos na desgraça alheia. E a tristeza dói mais em quem carrega a alma melancólica. O pobre dos Anjos, homem de gestos curtos, fala pouca e baixa, recolhido, nunca foi figura alegre. Conversava o trivial e logo se recolhia a um mutismo



Augusto: sem conhecer o sucesso

avassalador. Não gostava de beber, fumava pouco e adorava água de coco. Tipo diferente da imagem de poeta romântico cultivada pela época. Nunca foi encontrado caldo numa sarjeta, nem fez escândalos históricos em bares da moda — era poeta e pronto. Viviu a sua vida de dores ou culpas, porque ele reservava à humanidade cruel desprezo (outro contraste com seu tempo): "Com um pouco de saliva cotidiana/ mostro meu nójo à natureza humana". Jamais dedicou à sua linda mulher, Esther Filzho, atraente e sedutora, qualquer poema, apesar de a ela endereçar intenso amor — a seu modo, avise-se. O casal era chamado pelos amigos de "os Anjos". Deveria ser.

Sua biografia nada anota de extraordinário. Estudou Direito em Recife com muito desleixo. Foi professor humilde em algum liceu da então Paraíba (João Pessoa moraria só em 30, bem estupidamente). Até seu namoro e noivado com Esther Filzho não registra qualquer excêntrica. Encontravam-se às sete da noite, tagarelavam um pouco, saíam à praça, onde algum sujeito certamente desafiava canções em meio ao redemoinho dos circos, e sempre às dez da noite deixava a musa coberta por um parcimonioso beijo no rosto. Nada mais (pelo que se sabe). Em 1912, pega a mulher e se muda para o Rio. Sua tristeza aumenta na Capital da República, porque sente-se um pó — "pó no anonimato". A vida animada e superficial do Rio Capital somente degradinga sua melancolia. Aquilo tudo o chateava demais — não foi numa cidade grande que manteria relações mais profundas com o mundo exterior, todas as cenas de uma nojeira canastrice.

O silêncio da crítica ao "Eu", aquela indiferença brasileira quando não sabe identificar o estranho, causa-lhe uma dor maior. Poucos — olhem o ambiente — entendiam porque grafar em rubro o nome do livro. E até um folclore — verdade ou mentira — criou-se ao redor da cor. Diz-se que o poeta escarrou sangue — já tuberculoso — e à mão escreveu o "Eu". E outros — tradição oral, juro recordam-se de sua enfiada melancolia na morte de uma musa, a mando de seu pai. Seria ela uma empregada muito simpática e atraente a prestar serviços aos An-

jos. O amor dos dois provoca ódio naquela sociedade feudal e arcaica — moralista como qualquer camponês. Estranho em um de seus mais belos e contundentes poemas. Gilberto Freyre poderia ser consultado sobre mucamas e outras casas grandes. O canceioneiro nordestino também é povoado de desgraças idênticas. Alguns sobrevivem, outros permanecem vivos na recordação. Tudo triste, de qualquer maneira.

Mora na filosofia

Antes de Augusto dos Anjos ser capturado pela crítica, sua poesia habitava a memória de milhares de pessoas. Seus versos sugeriam mau gosto, morbidez, aquela terminologia algo científica, a lembrar um tratado de Medicina Legal, eram devorados em constantes reedições pelo público. Oto Maria Carpeaux, em sua brilhante "História da Literatura Ocidental", foi o primeiro crítico a dedicar-lhe sério estudo, colocando-o entre os grandes poetas da língua portuguesa. De novo dos Anjos provocava furor. Muitos queriam estabelecer relação com os versos condôlos e corroidos de Charles Baudelaire. Alvaro Lins, outro bom crítico, ria da relação e só enxergava nos dois "o mesmo espírito satânico". Os parnasianos, confundidos em suas grades mentais pelo conteúdo da poesia de Augusto, evocavam semelhanças com Anjos, evocavam semelhanças com Verde e Antonio Nobre. E, os parnasianos eram de fato miopes. Ou estrábicos.

Dizia-se do mau gosto de seus versos: "Escarre na boca que te beija". Hoje faria sucesso, não Rubem Fonseca? Não à toa, foi um corpo (literalmente) estranho à sua época, dias de ovação de vasos arranjados em flores, a imagem da escola romântica atulhando de clichês os pobres amantes. O sujeito que não dissesse um "eu te amo" dava danado. Dos Anjos rompe o discurso do Poder ao colocar nos versos um linguajar de jargões científicos, ao lado de interpretações psicológicas, calcado em pura filosofia. Poesia alguma sobrevive sem a filosofia, sem uma base e imagem de mundo espiritual — dos gregos aos beats, de Castulo, Ovídio, a Eliot. O requinte do seu tom filosófico, recheado de imagens, opacantes (escarar na boca amada?), provoca a reação a um simples texto de literatura. Algo inusitado a um tempo que só procurava o "wildiano" embebecimento, o espelho de Gray. Dos Anjos mergulha em temáticas confusas, regadas por sangue, morte, tuberculose — tudo um profundo nojo pela humanidade que o rodeia em passagens de pavões. Nada a estranhar: todos estranhavam aqueles versos saudando a morte, como a mão derradeira e fria do espírito, porque os homens escondem o fim físico e, sofistas, dizem acreditar na vida além Terra. Dos Anjos não crê e saúda a morte como a chegada de uma nova estação — algo para além do bem e do mal, mas que não possui força para valorizar a vida. Derruba a Casa de Usher e não se assusta ao olhar no espelho a sombra crua: "Quando pararem todos os relógios/ de minha vida e a voz dos necrológicos/ gritar nos noticiários/ que eu morri/ voltando à pátria da homogeneidade/ abraçada, com a própria Eternidade/ a minha sombra há de ficar aqui". E ficou. Evôé, dos Anjos. A Vida é uma quimeras a quem não se desespara.

Lobato, um escritor de coragem

Nem parece, mas Monteiro Lobato era um escritor brasileiro. De coragem. Atormentou com críticas e irreverências dezenas de políticos e torturou com suas frases mordazes alguns de seus colegas de pena. Foi o primeiro autor em terras tropicais a realizar toda a feitura de um livro, da escrita à edição. Confesso covarde na sua infância em Taubaté, onde nasceu a 18 de abril de 1882, completando antecorrem 102 anos de seu nascimento. José Bento Monteiro Lobato, ou apenas Juca, foi na idade adulta um dos intelectuais mais ousados e corajosos já surgidos entre o "cordial" homem brasileiro. Destratou com arrogância o parnasianismo, brigou com vários modernistas (no final de vida, Oswald de Andrade juraria sua admiração pelo sisudo Juca) e deu estrutura às histórias infantis. Talvez seja ele a própria encarnação de seu Saci Pererê, um serzinho implacável na zombaria.



O chapéu e o cachecol, as marcas do autor de "Jeca Tatú"

Comemorando os 102 anos de nascimento do escritor, algumas homenagens. De Taubaté saíram vários admiradores de sua obra para trazer flores a seu túmulo, no Cemitério da Consolação. O orador oficial foi Gianfrancesco Guarnieri, Secretário Municipal de Cultura. No dia 24, na Biblioteca Monteiro Lobato, às 10h00, três especialistas — Ernani da Silva Bruno, Paulo Dantas e Tatiana Belinky — discutirão aspectos de seus livros.

A partir do dia 28, todos os sábados das 10 às 12h, funcionará uma oficina literária sob a orientação de Manoel Cardoso na Biblioteca Infância-Juvenil Monteiro Lobato. A oficina funcionará como uma orientação de estudo e laboratório de criação. E, no auditório desta biblioteca, a partir do dia 23, haverá o curso "Imagem e Som na Literatura Infantil", até 15 de junho.

Tinha aquela aparência sisuda, porém era impagável em suas tiradas. Basta lembrar que após sua morte (4/7/48) surgiu em uma sessão espírita e espinafrou alguns amigos que estavam atrás de seu voto na Academia Paulista de Letras. Disse: "Não me encham. Agora sim estou na imortalidade". Se é verdade ou não a história não se sabe, muitos a confirmam de pé juntos. Mas não é de se estranhar, conhecendo-se o comportamento inusitado do escritor. Teve a pachorra de escrever carta ao interventor Fernando Costa pedindo emprego para um amigo, ex-criminoso. Após enumerar sem qualquer parcimônia todos os assaltos e outras piruetas do cidadão lascava ao final da missiva: "Vé o amigo que ele poderá ser muito útil ao Estado Novo". Sem comentários. Outra car-

ta provocou sua prisão. Lobato, então interessado em perfurar petróleo, escreveu ao ditador Getúlio Vargas e teve como resposta algum tempo nas grades. O juiz que avaliou a sentença registrou: "Uma carta audaciosa e de injustificável ironia". O bom Juca padecia muito por seu bom humor. Nunca um sujeito inofensivo, certa vez, comentando uma bomba de gás lacrimogênico, disse: "É ótima para enterros".

O incompreendido Monteiro Lobato teve brigas célebres. Uma, pelo menos, ganhou. Liderou com coragem a campanha do "Petróleo é Nosso". Com a queda da ditadura Vargas, não se contentou com a ascensão de Eurico Gaspar Dutra à presidência da República. Na época, como um profeta, era severo crítico da "militarização do poder". Imaginou o que o escritor pensaria de nosso tempo. Sua militância foi intensa e meteu-se em dezenas de causas. Deixou uma dúvida em centenas de amigos e adversários: ele seria um conservador ou um comunista? Nenhum dos dois, na verdade. Apenas não se acomodava com o cenário brasileiro. Assim, jamais teve uma filiação partidária. Mas esbravejou contra a cassação do Partido Comunista Brasileiro, na era Dutra.

Acordava sempre às quatro da manhã e ia escrever no escritório. Irritava alguns vizinhos — ai, os vizinhos! — por causa do excessivo barulho de sua máquina de escrever. Mais tarde seria inventado o óleo. De sua pena saíram alguns tipos inescquecíveis, não apenas para as crianças. Saci Pererê (o próprio Lobato?), Emília, Tia Nastácia e Jeca Tatú. Criou impagável tipologia brasileira. Sempre cômica e crítica. Alguns miopes o consideraram racista por

descrever a cozinheira como "uma negrona de beijos grossos". Por ser realista, foi discriminado. Durante tempos alimentou seu ódio contra a moleza e credulidade do homem brasileiro, sintetizado no personagem Jeca Tatú. Achava que "Jeca Tatú era representante puro do nosso povo, essa coisa feita catigada e suada". Aqui se comprova que Lobato não era comunista. Mudou de ideia após alguns anos na Europa, como adido comercial do Brasil, entendendo que nem toda a culpa era do povo. Impagável. A sua remissão foi acompanhada de um diagnóstico ainda hoje válido. Considerou-se com "complexo de curandeiro" — algo comum aos brasileiros. Gol de novo.

Seus livros infantis — 90% de uma obra que soma 5 mil páginas — causaram verdadeiro furor entre o público. Eram de fato best-sellers. Alguns deles chegaram a ter uma tiragem de 540 mil exemplares — o que irritava seus adversários moralistas. Uma certa freira do Sacre Couer de Jesus, no Rio, ordenou às alunas que trouxessem todos os seus livros de Monteiro Lobato. No dia seguinte, na hora do recreio, fez aquela fogueira. Isso parece Brasil. Foi um editor original — e nisso concordam todos os seus detratores. Algumas de suas edições, pelo cuidado gráfico, são clássicos do gênero. Mesmo assim, escandalizava a concórdia, quando bradava: "O livro é um produto comercial como qualquer outro, igual à batata, que se enche ou bacalhau". Estava certíssimo. M. de A.

Décio Pignatari

Longe vá temor servil

Uma desfaçatez. Uma vergonha. Um insulto. Uma ofensa. Há gente que tem da Nação uma visão prostibular: é aquela cuja cabeça está ligada às águas servidas, aos esgotos e às cloacas da vida.

"Brava gente brasileira Longe vá temor servil". O PDS em peso, no Congresso, deveria repelir a pecha de proxenetismo político.

A Liberdade abriu a Semana Santa na Cidade de São Paulo com um Espetáculo Cômico: Um Novo Urbanismo. O Urbanismo das Genes. Edifícios Tão Humanos! A Mais Alta Moral das Massas! Que emulação maravilhosa: 300 mil aqui, meio milhão lá, mais 250 mil naquela capital, mais 50 mil na

outra cidade, mais milhão e tanto no Rio, mais o repique paulista de um milhão e meio! Contra a prostituição! Contra o rufianismo! Os políticos devem recusar o carimbo escarlate, não devem aceitar a Rua dos Siriris como endereço domiciliar de cidadania, tem de repelir o confinamento no Bairro da Lanterna Vermelha! Só os fetos e os natimortos não votam nas diretas-já — porque não podem! Sem falar nos vermes...

Mudando de assunto. Estava eu observando, segunda-feira última, na pequena tela da televisão, a fala do presidente João Baptista de Figueiredo, o mais viajado de todos os nossos estadistas, incluindo o Barão do Rio Branco, concernente

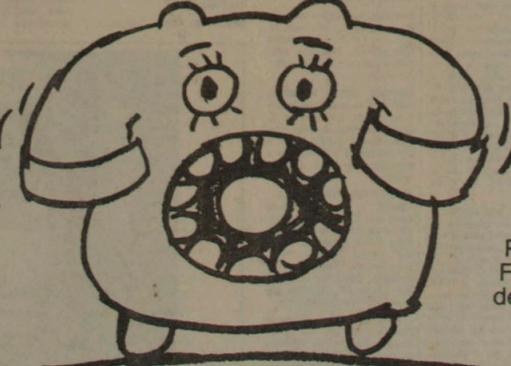
a uma emenda-proposta que parece dizer respeito (ou desrespeito) a algo assim como uma sugestão de sujeição direta-já-para-daqui-a-pouco-e-se-possível-para-sempre — e constatei o seguinte: que: a) talvez devido ao ofuscamento produzido pela luz dos painéis; b) ou a problemas oftálmicos que o vêm acometendo de algum tempo a esta parte; c) ou ao equipamento binocular obscuro a cujo uso se vê compelido, d) ou, ainda, a alguma impropriedade ou defeito da programação visual do texto que deve ler e/ou pronunciar — o nosso presidente dá a impressão de não saber, com precisão, o que é que está lendo à Nação. No que parece estar desejoso de consolidar uma tradição: o seu ante-ante-cessor Costa e Silva, diz-se, tinha alguma dificuldade de leitura; e o seu antecessor (ou seriam anti-cessores?) Médici também preferia um rádio tijolinho à orelha aos gritos das câmaras de tortura. Seja como for, eles não falam: apenas lêem. Consulte o meu Guru Melancólico sobre o assunto e ele me respondeu: Na América Latina, nunca se sabe quem é o ventríloco e quem é o boneco.

E os baianos, hein?! Não estou entendendo. E as diretas-já? Os antiquíssimos, os velhos, os novos, os recentes e os futuros baianos, onde estão? Só nos murais da fama? Só correndinho no palco? Só querendo saber se vendem mais ou menos do que alguém na baixa e na alta? Quem foi mesmo que disse que Golberti era o gênio da raça? Foi Mallarmé? Ou algum poeta concreto? Ah, foi o Glauber! Bem, ninguém é perfeito. Por que é que comício-passeata pró-diretas-já tem de ser feito só em Estado onde venceu a oposição? O PDS venceu na Bahia? Não se avexe não, meu filho: dê a volta por cima do Magalhães e o seu preposto. Amados, Caymmis, Gantois, Carybés, Cravos, Gilbertos, Bethânia, Caes, Gais, Gis, Simones, Risérios e Martas só servem para correr atrás do trio elétrico? Não dão nem para fazer um corralzinho pró-diretas-já? Se não der por aí, onde o Brasil nasceu, porque não dar uma mãozinha em outras partes? No Palace... ou no Anhangabaú. Bem entendido: não me perguntem onde estão o Willy Correia de Oliveira, e Olivier Toni e a sua filha. Eu sou capaz de responder: estão cada vez mais engajados musicalmente, a fim de estar cada vez mais (...) acadêmico-departamentalmente... Insisto: a Praça Castro Alves é do povo. Mas ninguém é obrigado a ir lá. Ah, sim. Com a emenda Figueiredo, o que se quer é o seguinte: quatro anos e mais quatro. Com intermediações indiretas. Acena-se com negociações. Uma nojeira. Até Deodoro e Floriano, em seus verdes jazigos, devem estar mais vermelhos do que o mais vermelho dos comunistas. Enfim, um 83 infinito. Enfim, uma nauseabundez.

A MISSÃO DA IGREJA DEVE SER SOMENTE ESPIRITUAL?

SIM
200-1011

Desde segunda-feira, a cidade vem votando. As linhas continuam abertas. Ligue já: 200-1011 se você acha que a missão da Igreja deve ser somente espiritual; 200-2012 se você acha que a Igreja deve ter outros tipos de participação na



NÃO
200-2012

sociedade. Estarão debatendo entre outros Lenildo Tabosa Pessoa, Dalmo Dallari, Elias Boaventura, Paulo Markum e o moderador. Fique de olho em mais essa briga de Disc-Debate.

HOJE ÀS 21h30 NO CANAL 11.
DISC-DEBATE



FIQUE DE OLHO

Abril Video: sempre algo de novo e inteligente acontecendo.